

A casa-tela Lourdes Castro: um “auto-retrato”

Contexto de um tempo prolongado, Portugal uma ilha no universo europeu

Por Victor Mestre e Emanuel Gaspar

Algumas casas projectadas no período dos anos sessenta do século XX em Portugal constituirão uma espécie de resistência ao conservadorismo atávico que empurrava a população para um empobrecedor arquétipo de casas carregadas de estereótipos arcaicos. Eram casas antigas, se não mesmo velhas, logo no projecto, ou melhor na mente dos seus proprietários e projectistas. Erguiam-se num tempo passado, sem esperança de passarem por um período jovial de vivências conjugadas, entre casa e usufrutuários, sintonizados com um auspicioso tempo histórico de mudança de ciclo sociocultural. Eram antigas na sua “natureza genética” repleta de mistificação historicista, sustentada por efabulações, narrativas de linhagens imaginárias de casas brasonadas pertencentes a longínquas propriedades feudais, como eram as quintas de recreio, vagamente rústicas. Constituíam refúgio de memórias imaginárias de encenação de estatuto social antimoderno. As elites conservadoras que encomendavam casas, receosas do tempo veloz que corria da Europa, recolhiam-se em salões de aveludados cortinados e sumptuosas lareiras com brasões rebuscados. A população migrante da ruralidade e instalada precariamente nos subúrbios das cidades sonhava com as casas campestres da sua ancestral vivência. A Europa das democracias emergentes libertava de preconceitos a nova geração e contagiava uns tantos viajantes privilegiados, oriundos de países mergulhados num tempo político desajustado da refundação civilizacional pós-colonial. Ainda que em número muito reduzido, arquitectos, artistas e intelectuais instituirão a viagem, mudando-se na ânsia de não perderem a sua juventude reforçando os seus valores éticos, entre o combate político e o desejo de participarem nos novos movimentos estéticos experimentalistas. É também um momento libertador do cidadão anónimo, que procura na emigração a estabilidade económica e se confronta com outras realidades sociais, culturais, económicas, onde as vivências acumuladas nestes novos contextos de longa duração, iriam alterar radicalmente a sua percepção de *casa*. A emigração em massa para os países da Europa central viria a revolucionar a paisagem de Portugal continental mas também a emigração para os Estados Unidos, África do Sul e Venezuela, tendo impacto sobretudo nos arquipélagos atlânticos.

A ilha da Madeira, particularmente a cidade do Funchal, por ser um território cosmopolita na sua condição geográfica de interface das rotas transatlânticas, primeiro na navegação e mais recentemente na aviação, sempre teve uma elite cultural atenta e disponível para incorporar novos paradigmas. Em alguns casos essa elite supera a condição de simples receptores, tornando-se criadores de vanguarda em contexto universalista. O artista, historiador e poeta António Aragão (1921-2008) foi um precursor das novas correntes artísticas e literárias mantendo uma intensa, contagiante e provocadora actividade criativa na Madeira. Lourdes Castro (1930-2022), entre outros da sua geração, venceu a condição de “duplamente ilhéu”, considerando que o “continente” nos anos sessenta do século passado era igualmente uma ilha estagnada e reprimida, cultural e politicamente. O tempo de esperança e mudança civilizacional que Lourdes Castro e toda uma geração de intelectuais, escritores, artistas, arquitectos e outros cidadãos de espírito livre viveram nas principais cidades europeias, deu-lhes mundo que, generosamente, redistribuíram no processo de torna-viagem. Em Paris, nessa década, Lourdes Castro integrou o grupo fundador da revista KWY com René Bertholo, Costa Pinheiro, João Vieira, José Escada, Gonçalo Duarte, Jan Voss e Christo. Tratava-se de um

inovador projecto artístico com enquadramento universalista só possível neste contexto exterior. Após participação em exposições no estrangeiro, e em Portugal, regressa no início dos anos oitenta à ilha da Madeira, instalando-se na Quinta do Monte com Manuel Zimbro, (1944-2003). Terá sido este um tempo de amadurecimento total de uma obra singular, sensível e sensual que se aconchegou no Sítio da Quinta no Caniço, como se tivessem chegado ao paraíso.

É preciso uma vida para fazer uma casa

A casa-atelier Lourdes Castro / Manuel Zimbro tem na sua génese a memória da “nova arquitectura” imergente no período pós-Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa (AAVV, 1961), que procurava interpor uma terceira via em oposição à arquitectura promovida pelo Estado Novo, também apelidada de Português Suave, e à arquitectura modernista por vezes associada ao Estilo Internacional. Essa arquitectura deixava transparecer subtilmente reinterpretações da arquitectura tradicional filtrando a gramática vernácula, sofisticando-a espacial, volumétrica e formalmente, numa incessante procura da busca do essencial. Encontra-se esta interpretação sobretudo nas espacialidades multifuncionais, adaptadas à morfologia do terreno e ao clima, valorizando a continuidade da casa para o exterior em linhas singelas e geometrismos puros. A escolha dos materiais contribuía decisivamente para esta leitura, vincando essa identidade ao serem integrados enquanto expressão de composição plástica, à semelhança de um dos exemplos referenciais desse período, a Casa de Ofir da autoria do arquitecto Fernando Távora (1923-2005).

Junto à casa-atelier localizada no Sítio da Quinta no Caniço, outrora um dos promontórios naturais sobre o oceano com vista para as ilhas Desertas, implanta-se o que terá sido uma ruína de um dos tipos de casa vernácula madeirense (Mestre, 2002), composta por dois volumes, e assim referidos na memória descritiva do projecto, escrita por Manuel Zimbro, que subscreve o projecto com o engenheiro Jacinto Silva: “Existindo no prédio duas antigas construções (uma pequena casa de alvenaria de pedra com cobertura de colmo, e uma cozinha exterior, ambas parcialmente enterradas) resolvemos aproximarmo-nos desses traços de vida; e continuá-los”. A observação da integração na paisagem destes dois volumes, ao serem parcialmente enterrados, viria a ser tema relevante para o projecto da casa-atelier desenvolvido nos anos oitenta. O enlace para com a paisagem já se declarara no início do mesmo documento, onde refere: “Toda a paisagem é imagem solar. Toda a paisagem é filha da natureza.” Esta invulgar memória descritiva revela sobretudo a enorme sensibilidade e procura de sentido de integração paisagística, terrena e cósmica, com que se pensou este projecto. A concepção desta casa é uma ode à natureza na sua integralidade, pelo que a intenção é ser parte da mesma. Mais do que um conceito será uma emanção que motiva e mobiliza o projecto: “Quer formalmente, quer estruturalmente toda a edificação na crosta terrestre deveria ser, a nosso ver, intrínseca, ou seja, deveria nascer de dentro, do interior, desse mesmo espaço que é abrigo da vida. Foi por aí que começamos”. No filme documentário de Catarina Mourão (2010), Lourdes Castro relembra essa ideia fundadora de se instalarem “na crosta terrestre (...) escolhemos a tela (...) é o nosso auto-retrato (...) como uma pintura (...) é viver e respirar”. A casa nasceu paisagem; uma ligação umbilical que permaneceu nas vivências dos seus usufrutuários como sua natural extensão. As casas, algumas casas, são como pessoas em alguns poetas como Ruy Belo ou Herberto Helder: amavam as casas com pessoas dentro. E isso explica tudo o que de maior significado tem uma casa que, nessa dimensão, é um lar e, portanto, não se deve ler exclusivamente como obra arquitectónica.

Da paisagem à casa paisagem

“Paisagem com casas dentro em vias de desaparecimento” poderia ser o título de um livro sobre a Madeira rural escrito nesse período, praticamente desaparecida na actualidade e de certo modo já em transição no período em que esta casa foi pensada, projectada e construída, de modo progressivo. A artista plástica madeirense Lira Passos Freitas Pereira (1937-...) - que integrou o movimento artístico resistente madeirense e foi responsável, entre outras iniciativas, com Rui Mário Gonçalves e Nelson Di Maggio pelas primeiras exposições de artes plásticas da Madeira -, assistiu à construção desta casa-atelier, referindo-se a esta, em conversa informal, como “uma construção por fases” (Pereira, 2023). A este processo está também associado o mobiliário integrado, enquanto parte da própria arquitectura fundindo-se numa unificadora linguagem formal.

A ruína que se encontrava no terreno, ao ser criteriosamente recuperada enquanto memória cultural, revela a percepção e a relevância da cultura popular na própria identidade da casa-atelier, onde se observam os muros de pedra, os tapa-sóis, mas também o prolongamento do beiral e o espaço exterior em semicírculo onde se forma a cozinha-de-fora em prolongamento da existente no interior. Paralelamente ao tema vernacular, a memória descritiva do projecto também revela a arquitectura erudita como matéria de referência, de selecção e de citação arquitectónica, referindo Frank Lloyd Wright (1867- 1959). Unificando conceito de vida e arquitectura ao reflectir sobre a opção do moderno sistema construtivo, Manuel Zimbro refere: “Estudando-a, pretendemos enaltecer o sentido de abrigo, seguindo a via da simplicidade, que pode ser laboriosa, mas nunca será nem sinuosa nem torturada. «Clareza de desenho e perfeição do significado, são traços essenciais da simplicidade», dizia Frank Lloyd Wright”.

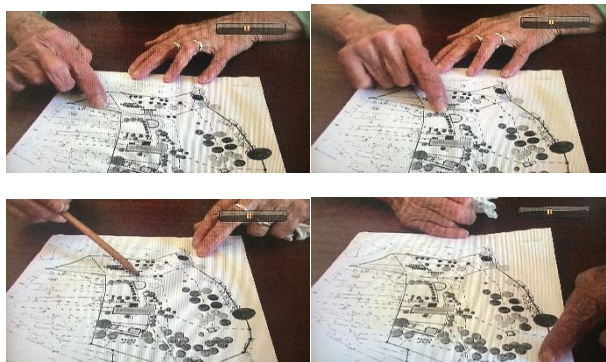


Ilustração 1. Lourdes Castro descreve o projecto na sua integração na Quinta. In Mourão, 2010.

Da vivência cultural se faz a casa-atelier

Esta casa é dos exemplos mais completos e concretos sobre o risco de se falar ou escrever sobre casas antigas ou modernas, populares ou eruditas, sem a integração do contexto dos seus usufrutuários. Corre-se assim o risco de pouco se acrescentar sobre estes temas da disciplina da arquitectura, mesmo quando estamos perante algo excepcional em termos arquitectónicos como é esta casa-atelier. Observá-la exclusivamente pela lupa da arquitectura empobrece toda e qualquer percepção que procure ir mais além da sua materialidade, quando ela existe também pelo que gerou continuamente num tempo específico. O que a torna única é

igualmente o resultado do modo progressivo com que se foi completando exterior e interiormente em harmonia com os desejos dos seus usufrutuários e, simultaneamente, autores. A casa tornou-se obra de arte que se foi reinventando e desenvolvendo em sintonia com o experimentalismo e a incessante procura do acto criativo. As sombras e as transparências enquanto recursos exploratórios de um percurso criativo, numa interdependência poética, percorrem a espacialidade da casa, como uma tela cinematográfica em que a intangibilidade do tema se move pela acção da luz, deixando por vezes a linha de contorno de um geometrismo singular. A casa move-se de dois modos: primeiro por ter sido construída progressivamente exterior e interiormente, segundo, porque a própria concepção artística de Lourdes Castro e Manuel Zimbro tinha da sombra, da luz e da transparência algo em movimento como se pode observar no seu teatro de sombras.

A casa como árvore, a árvore como casa e as suas sombras

A cultura oriental, e em particular a japonesa, surge enquanto citação e ou metáfora integradas em caminhos exploratórios de uma temporalidade decorrente do usufruto da obra, como as pinturas sobre seda mas também no “desenrolar dos *kakemonos*” referidos no filme documentário. As paredes desta casa-atelier transcendem a sua materialidade ao incorporarem essas experiências, essa permanente procura e descoberta. Junichiro Tanizaki no seu livro o “Elogio da Sombra” (ano) reflecte precisamente sobre a escuridão e a penumbra, onde se descobre a luz.

O trabalho de Lourdes Castro e de Manuel Zimbro foi desenvolvido num permanente experimentalismo artístico, que procurou superar limites / fronteiras do material para alcançar o intangível, através da exploração das transparências, de linhas de contorno sobre sombras, projectando sombras de sombras num movimento caleidoscópico sobre lençóis brancos, como em paredes igualmente brancas, onde a luz é a matéria mediadora que configura o espaço desta casa. Este será um exemplo de como a arquitectura se configura com os sentidos tal como descreve Juhani Pallasmaa:

We are in constant dialogue and interaction with the environment, to the degree that it is impossible to detach the image of the Self from its spatial and situational existence. «I am the space, where I am», as the poet Noel Arnaud established. (2006, p. 35)

A casa-atelier enquanto meta-arquitectura

Linhas simples e cativantes caracterizam esta casa-atelier, perfeitamente integrada no terreno como uma emanção natural de volumes puros escalonados, adaptados a subtilezas plataformas de linhagem madeirense, aconchegando-se ao terreno como os seus usufrutuários nela se acolheram. A sua exemplaridade é incontornável enquanto identidade arquitectónica respaldando-se a questão de enquadramento histórico-cultural no âmbito da história da arquitectura moderna (pós-Segunda Guerra Mundial), pelo facto de ter sido construída a partir de 1988 recorrendo a uma expressão dos anos sessenta. Esta casa tem no contexto da memória cultural a sua cronologia, e não na cronologia da história da arquitectura. A casa-atelier Lourdes Castro / Manuel Zimbro, superou a questão temporal da identidade estética e arquitectónica ao ser concebida com matéria do tempo, enquanto citação cultural, e do espaço em contínuo processo vivencial, ou seja, com memórias antigas e memórias progressivas em função de vivências transformadoras. A casa nunca existiu, ou seja, a casa foi existindo no

processo de incorporação das experiências artísticas dos seus usufrutuários. A casa amistosa sempre esteve lá, para se reconfigurar, mesmo na sua dimensão estética aparentemente datada. A fluidez com que foi concebida permitiu responder às progressivas necessidades mantendo-se extensão da paisagem por vezes invertida no sentido de ela própria ser a paisagem de um mundo abstracto intangível, transparente.

Existiu um tempo em Portugal, principalmente neste período pós-guerra, em que a Arquitectura nem sempre era obra de arquitecto e, contudo, não deixava de ser Arquitectura, enquanto muita da arquitectura era e é apenas construção. Este é um desses raros exemplos em que os autores, não sendo arquitectos de formação, expuseram um pensamento e um processo criativo experimental de como conceber uma casa num tempo de vida. Introduziram a dimensão temporal contínua, associada à vivência enquanto processo progressivo, inacabado. A casa ficou terminada no dia em que as portadas deixaram de ser suspensas do tecto do quarto de dormir, pela Lourdes de Castro...

A última tela

Quando em 1983 regressam à Madeira, Lourdes Castro e Manuel Zimbro encontram um vasto terreno isolado, no Sítio da Quinta, Caniço, perto do Funchal, com vista para o mar e para as Ilhas Desertas, onde construíram a casa do retorno, que ele desenhou, e o jardim que ela cuidava, habitando um mundo só deles. Nessa altura um lugar ermo de refúgio e contemplação. No decorrer da década de 90, Lourdes Castro foi deixando de realizar obra física, fundindo cada vez mais profundamente o seu fazer com o território (casa-jardim-atelier) e a sua própria vida. No documentário “Pelos Sombras”, realizado por Catarina Mourão, em 2010, é ela quem nos diz “Agora é a minha tela. Enrola quando chove a valer, estica demasiado no calor de agosto. Continuo a pintar um quadro só. Que nunca estará pronto.”

Em 1985 Manuel Zimbro (Manuel Victor Martins Simões), “pintor de arte” como ele próprio se intitula, vai desenhar uma casa térrea em comunhão com a paisagem e adaptada à orografia do terreno. O imóvel, de expressão plástica na linha do racionalismo puro e de vocabulário moderno de inspiração algo nipónica, está inserido na paisagem de uma forma tranquila e integrado no amplo jardim baldio, com muros tradicionais em pedra basáltica aparelhada.

“Existindo no prédio duas antigas construções (uma pequena casa de alvenaria de pedra com cobertura de colmo, e uma cozinha exterior, ambas parcialmente enterradas) resolvermos aproximarmo-nos desses traços de vida; e continuá-los. Mas continuá-los porque neles encontramos fortes motivos que justificam a sua implantação; entre os mais pertinentes destacamos: o abrigo dos ventos dominantes e consequente conforto térmico (construção enterrada); desaparecimento da construção na paisagem (construção enterrada).”

O imóvel é aculturado, pois integra soluções e técnicas de tradição local, numa miscigenação entre o moderno e a tradição vernacular. Inspira-se na íntima ligação que as construções elementares e populares da ilha apresentam em fusão com o terreno e a paisagem, a sua presença é orgânica e harmoniosa.

“Diluir-se desaparecendo, ou afirmando-se enaltecendo-a, de qualquer modo respeitá-la, sempre nos pareceu uma preocupação predominante a ter em com a implantação de um edifício na paisagem, tanto mais, que é ela que é importante.”

Manuel Zimbro, em parceria com o eng. Jacinto Silva, que acaba por assinar a obra, visto o artista não possuir habilitações legais que o permitia responsabilizar-se pela construção, demonstra ter conhecimento da filosofia e da linguagem da arquitectura moderna que se desenvolvia em termos internacionais, “estudando-a, pretendemos enaltecer o sentido de abrigo, seguindo a via da simplicidade, que pode ser laboriosa, mas que nunca será nem sinuosa nem tortuosa.<<Clareza de desenho e perfeição do significado, são os traços essenciais da simplicidade>> dizia Frank Lloyd Wright.”

O imóvel, de planta longitudinal, apresenta largos fenestramentos totais, a toda a altura do pé direito, que possuem os tradicionais tapa-sóis madeirenses, correndo sobre calhas. No tardoz abre-se a entrada principal e rasgam-se contínuos vãos horizontais envidraçados. A casa, semienterrada, com fachadas de largos panejamentos em reboco pintado de branco, apresenta coberturas, escalonadas de uma só água, em telha de canudo sobre uma laje de betão aparente.

A habitação apresenta um funcional corredor de distribuição longitudinal, dividindo a área mais social da mais privada, e dois ateliers de pintura, um para a Lourdes de Castro e outro para o Manuel Zimbro.

Na planta são perceptíveis características modernistas, como a adopção do conceito de sala comum, que revela uma atitude de informalidade e democratização mas que acima de tudo valoriza o conforto, a funcionalidade e a flexibilidade. Este amplo espaço proporciona uma ampla ligação com o exterior da habitação, ao mesmo tempo que tira proveito da iluminação através de um grande plano envidraçado, assim como num dos ateliês, transformando o pátio numa espécie de cenário natural e numa continuidade entre espaço interior/exterior.

No quarto de dormir encontra-se uma pequena e deliciosa curiosidade, uma pequena janela, virada a oeste, por onde entra os últimos raios de sol do dia e que possibilita o efeito da câmara escura, projectando a paisagem exterior invertida.

As paredes do logradouro são em aparelho de pedra basáltica com chão calcetado no tradicional calhau rolado do mar. Há o uso de cantaria vermelha regional na lareira e em certos paramentos interiores.

Para reforçar a ideia de sintonia com o ambiente natural circundante há também uma procura de criar espaços exteriores, que funcionassem quase como abrigos, e as paredes, os muros que delimitam os corpos da casa, estão colocados estrategicamente, conferindo a respectiva protecção a essas zonas. Criou-se, inclusive, uma pérgula para plantas trepadeiras, constituindo uma zona de estar e contemplação, na memória das tradicionais latadas das casas vernáculas madeirenses.

O grande terreno tem pequenas levadas pré-existentes para irrigação do jardim e possui árvores plantadas pelos próprios proprietários, onde se destacam Araucárias, Barbusanos, Cedros, Palmeiras, Canforeiras, Dragoeiros, Loureiros, Ciprestes, Yucas, Metrosíderos, Álamos, Ginkgo, etc, algumas árvores de frutos sub-tropicais e uma roseira antiga vinda da Casa da Praia Formosa.

Ainda hoje, todos os dias, o jardineiro com quem Lourdes trabalhava vem tratar do jardim. No quarto do casal há uma pequena janela que recebe o último raio de luz do cair da tarde, e na casa de banho outra janela foi rasgada sobre o jardim interior — só a vê quem está deitado na banheira. Nos envidraçados horizontais, pelo interior da casa, há tapadas de madeira que se

abrem prendendo-se ao tecto, num apontamento da arquitectura nipónica. Também entre os ateliês dos dois há uma pequena janela quase secreta para que pudessem comunicar. A Lourdes costumava dizer que ele era a luz e ela a sombra. A Lourdes de Castro e Manuel Zimbro estão ali por inteiro! Em cada pormenor da casa, em cada canto do jardim silvestre, em cada sombra, em cada história secreta da aviação, que acontece todos os dias no amplo espaço ajardinado.

Referências

AAVV (1961) *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*. Sindicato Nacional dos Arquitectos: Lisboa.

Gaspar, Emanuel (2021) *A Arquitectura no Arquipélago da Madeira- do povoamento à contemporaneidade*, edição Câmara Municipal do Funchal, Funchal.

Mestre, Victor (2002) *Arquitectura Popular da Madeira*. Argumentum: Lisboa.

Mourão, Catarina (directora) (2010) *Lourdes Castro. Pelas Sombras*. [film.DVD]. Laranja Azul, Midas Filmes.

Pallasmaa, Juhani (2006) An Architecture of the Seven Senses. Holl, S., Pallasmaa, J. and Pérez Gómez, A. (editores) *Questions of Perception Phenomenology of Architecture*. A+U: Tokyo, pp. 27-38.

Pereira, Lira (comunicação pessoal, 2 de Novembro de 2023)

Silva, Jacinto (1986) (assina) *Memória Descritiva*, anexa a Requerimento de Lourdes Castro e Manuel Zimbro para licenciamento. Arquivo da Câmara Municipal de Santa Cruz.

Tanizaki, Junichiro (1999) *Elogio da Sombra*. Coleção Antropos. Relógio d'Água: Lisboa.